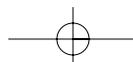


Retorno

Durante muito tempo levantei-me cedo, para ir à missa, antes da escola, do escritório, das aulas na universidade. Assim poderia começar este livro, talvez acrescentando o fácil *calembour* de que se trata de uma «busca do templo perdido». Mas poderei autorizar-me não diria já ao *calembour* mas ao discurso na primeira pessoa? Dou-me conta de que nunca escrevi assim, a não ser quando se tratava de discussões, polémicas, cartas ao director. Nunca nos ensaios e nos textos de carácter «profissional», crítico ou filosófico. Aqui a questão coloca-se porque as páginas que se seguem retomam os temas de uma longa entrevista a dois, juntamente com Sergio Quinzio, feita o ano passado para *La Stampa* por Claudio Altarocca, em que se falava na primeira pessoa, e ainda porque o tema da religião e da fé parece requerer uma escrita necessariamente «pessoal» e comprometida; embora ela não seja essencialmente narrativa e talvez não tenha sempre muito claramente como referência um eu narrante-crente.



E depois: parece-me dever precisar desde o início que se me decido a falar e a escrever sobre a fé e a religião, o faço porque julgo que o assunto não diz respeito apenas ao meu renovado interesse individual por este tema; o que é decisivo é pressintir um ressurgimento do interesse religioso no clima cultural em que me movo. É certamente uma razão vaga, também esta bastante subjectiva, pouco mais do que uma impressão. Mas procurando justificá-la e documentá-la estarei já a dar alguns passos em frente no desenvolvimento do tema. Este ressurgir da sensibilidade religiosa que «sinto» à minha volta, na sua rigorosa imprecisão e indefinibilidade, corresponde bem ao «acreditar em acreditar» em torno do qual se moverá o meu discurso.

Portanto: um misto de factos individuais e factos (considerados individualmente!) colectivos. É verdade que cheguei a uma altura da vida em que parece óbvio, previsível, mesmo um pouco banal, repropor a questão da fé. Repropor: porque, pelo menos para mim, trata-se exactamente do retorno de uma temática (digamos assim, também aqui usando um termo que diz pouco) a que estive ligado no passado. Será possível, fazendo um parêntese, que a questão da fé não seja qualquer coisa que se proponha de novo? É uma boa pergunta, porque como se verá por aquilo que se segue parece-me constitutivo da problemática religiosa justamente o facto de ela ser sempre o retomar de uma experiência de algum modo já feita. Nenhum de nós, na nossa cultura ocidental — e se calhar em qualquer cultura — começa do zero na questão da fé religiosa.

A relação com o sagrado, Deus, as razões últimas da existência que geralmente são o tema da religião (escla-

reço desde já que me permitirei usar estes termos sem obedecer a definições rigorosas, pelo menos neste tipo de conversa em público) todos nós os vivemos como a representação de um núcleo de conteúdos de consciência que tínhamos esquecido, posto de parte, sepultado numa zona não exactamente inconsciente da nossa mente, às vezes até violentamente recusado como um conjunto de ideias infantis — sem dúvida, coisas de outras épocas da nossa vida, talvez mesmo erros em que incorremos e dos quais nos gostaríamos de libertar.

Insisto nesta questão do «retomar» porque ela tem a ver com um dos temas do discurso que pretendo desenvolver e que tenta individualizar a «secularização» como traço constitutivo de uma experiência religiosa autêntica. Ora, secularização significa exactamente, e antes de mais, relação de proveniência de um núcleo sagrado do qual nos afastámos e que, todavia, permanece activo mesmo na sua versão «decaída», distorcida, reduzida a termos puramente mundanos, etc. Os verdadeiros crentes podem obviamente ler esta ideia do retomar e do retorno como sinal de que aqui se trata apenas de reencontrar uma origem que é a nossa própria dependência de Deus enquanto criaturas; mas, quanto a mim, julgo ser igualmente significativo e importante não esquecer que este reencontro é também o reconhecimento de uma relação necessariamente subalterna. Tal como no caso do esquecimento do ser de que fala Heidegger, também aqui (analogia, alegoria; mais uma vez: secularização filosófica da mensagem religiosa?) não se trata tanto de recordar a origem esquecida, tornando-a inteiramente presente, mas de recordar que ela sempre foi esquecida e que a recordação deste esquecimento e desta distância é

aquilo que constitui a única experiência religiosa autêntica.

Mas então, como é que «regressa» — se é que regressa, tal como me parece — o religioso na minha-nossa experiência actual? No que me diz respeito pessoalmente, não me envergonho de dizer que ela tem a ver com a experiência da morte — de pessoas queridas com quem tinha pensado percorrer um caminho muito mais longo, nalguns casos pessoas que sempre imaginara perto de mim quando chegasse a minha vez de me ir embora e que considerava estimáveis pela sua capacidade (afectuosa ironia perante o mundo, aceitação dos limites de cada um...) de tornar aceitável e vivível a própria morte (como num verso de Hölderlin «heilend, begeisternd wie du»¹).

Talvez, para lá destes incidentes, aquilo que volte a pôr em jogo, a certa altura da vida, a questão da religião tenha a ver com a fisiologia da maturação e do envelhecimento. A ideia de fazer coincidir «exterior» e «interior», segundo o sonho do idealismo alemão (era esta a definição da obra de arte em Hegel, mas também, no fundo, o trabalho da razão para Fichte), isto é, a existência de facto com o seu significado, é redimensionada no decorrer da vida. Isto tem como consequência avivar a esperança de que esta coincidência, que não parece realizável no tempo histórico e no decurso de uma vida humana média, possa realizar-se num tempo diferente. Os postulados da imortalidade da alma e da existência de Deus em Kant justificam-se precisamente com um argu-

¹ Na poesia *Götter wandelten einst...*, tradução italiana de G. Vigolo, Oscar Mondadori, Milão, 1971, p. 22.

mento deste tipo. Se o esforço de praticar o bem, de agir segundo a lei moral, tem que ter um sentido, é preciso que se possa esperar racionalmente que o bem (isto é, a união da virtude e da felicidade) se realize noutro mundo, visto que neste, manifestamente, não se dá.

Não estou, pois, absolutamente convencido de que seja «fisiológica» a renúncia à coincidência de existência e significado neste mundo. Tendo a acreditar (como no caso do retorno da religião, que me parece um facto «colectivo», para além de estar ligado à minha específica experiência de vida) que o abandono do sonho idealista (no sentido usual e técnico-filosófico do termo) esteja também, ou sobretudo, ligado a circunstâncias históricas específicas: para alguém cuja vida coincidissem perfeitamente com um longo processo revolucionário, de renascimento e de construção entusiasta de um mundo (recolo aquilo que Sartre disse do «grupo em fusão» na *Critique de la raison dialectique*²), a renúncia poderia não ser tão inevitável. Todavia, se tal possibilidade parece absurda quando se pensa só na revolução (e assim acontece em Sartre, onde os momentos de plenitude do grupo em fusão recaem — fatalmente? — no prático-ínerme, na *routine*, na burocratização), poderia não ser tão impensável no caso, por exemplo, de uma vida de artista.

Seja como for que se resolva este problema não banal, eu não consigo ver a minha experiência da permanente discrepância entre existência e significado como um facto exclusivamente fisiológico; parece-me também, deci-

2 Cfr. J.-P. Sartre, *Critique de la raison dialectique*, Paris, Gallimard, 1960.